

APRENDER PARA VIVER: A IMPORTÂNCIA DO ENSINO CONFIRMATÓRIO PARA A VIDA CRISTÃ

LEARNING TO LIVE: THE IMPORTANCE OF CONFIRMATORY TEACHING FOR THE CHRISTIAN LIFE

Maximiliano Wolfgramm Silva

Resumo: O presente artigo reflete sobre a importância de uma visão de educação cristã que considera a vida em suas diferentes fases, extrapolando o papel do Catecismo para além do período de ensino confirmatório e ressaltando o valor da educação cristã que ocorre no seio familiar. Estruturado a partir da passagem bíblica de 2Pedro 3, o texto constrói tal reflexão apontando para alguns desafios contemporâneos à experiência da fé, a saber: a secularização, o pluralismo, o niilismo e a tecnologia. Depois, em diálogo com diferentes obras, o texto destaca o papel do Catecismo como ferramenta significativa de aprendizado para diferentes etapas da vida e aponta para a família como núcleo formativo essencial, defendendo que crescer na graça e no conhecimento de Cristo é um processo contínuo que sustenta a identidade cristã diante das pressões culturais atuais.

Palavras-chave: Ensino confirmatório. Catecismo. Secularização. Formação cristã. Família.

Abstract: This article reflects on the importance of a vision of Christian education that considers life in its different phases, extending the role of the Catechism beyond the confirmation period and highlighting the value of Christian education that takes place within the family. Structured around

the biblical passage of 2 Peter 3, the text builds this reflection by pointing to some contemporary challenges to the experience of faith, namely: secularization, pluralism, nihilism, and technology. Then, in dialogue with different works, the text highlights the role of the Catechism as a significant learning tool for different stages of life and points to the family as an essential formative nucleus, arguing that growing in grace and in the knowledge of Christ is a continuous process that sustains Christian identity in the face of current cultural pressures.

Keywords: Confirmatory instruction. Catechism. Secularization. Christian formation. Family.

INTRODUÇÃO: SOBRE HISTÓRIAS PITORESCAS DO PARÁ

Nasci no estado do Espírito Santo, mas ainda criança nos mudamos para o Pará. Assim, costume dizer que sou capixaba de nascimento, com orgulho, mas paraense de coração. Por causa disso, era para o Pará que eu viajava a cada período de férias em meu tempo como seminarista.

Foi num desses períodos de férias, passando pela capital, Belém, que reencontrei um querido amigo de infância. Logo procurei saber das novidades. No meio de uma alegre conversa, ele me falou sobre uma nova linha de ônibus da cidade, a linha de ônibus “Jesus Cristo”. Obviamente, fiquei intrigado com o nome e logo procurei saber a razão de tal designação. É claro, ela estava carregada da criatividade, do humor, da fé e da resiliência paraense: “É que o ônibus dessa linha demora, demora, demora, mas ele vem”. Rimos juntos.

Depois desse encontro, me peguei pensando sobre o tema. Para mim, havia muito sentido na afirmação por trás daquela brincadeira. Afinal de contas, a Bíblia é rica em passagens que falam sobre a vida maravilhosa que aguarda os filhos e filhas de Deus. Paulo nos ensina que “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1Co 2.9). João acrescenta mais detalhes à descrição desta nova vida ao dizer que Deus “lhes enxugará dos olhos toda lágrima. E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21.4 – NAA). Sendo assim, por que Jesus está demorando tanto para voltar? Por que ele

não estabelece logo o seu reino de justiça? E não demorou muito para que Deus me desse uma resposta para essas indagações e aquietasse o meu coração, quando me fez encontrar o texto de 2Pedro 3.

SOBRE A LONGANIMIDADE DE DEUS

Antes de avançar na leitura deste artigo, sugiro a você ler o terceiro capítulo da segunda carta de Pedro. São apenas dezoito versículos. Quero, agora, brevemente, tecer alguns comentários sobre parte deles.

Vers. 1: “Amados, esta é, agora, a segunda carta que escrevo a vocês...”

Pedro dirige-se aos recipientes de sua carta chamando-os de “Amados”. Na mesma linha do pensamento de Lutero em suas teses de Heidelberg, aqui não temos a referência a algum mérito no ser humano que o faça amável. O Pai declarou que Cristo era seu Filho amado (2Pe 1.17), e assim todos aqueles que estão em Cristo recebem o status e a identidade de “amados” pelo Pai.

Vers. 2: “para que se lembrem das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, e também se lembrem do mandamento do Senhor e Salvador, que os apóstolos de vocês lhes ensinaram”.

Aqui, Pedro afirma o testemunho profético e apostólico como a base da fé e a única fonte definitiva para guiar a vida cristã. Não há distinção entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Ele chama a atenção do povo para que não negligencie a fé que receberam, a dádiva da palavra de Deus a eles entregue. É a fé que se apega nesta Palavra que nos sustenta e nos fortalece nos desafios da vida e lutas diárias contra a tentação. Lidando aqui com falsos ensinamentos, Pedro aponta para o ensinamento dos profetas como fonte da verdade, assim como fez anteriormente (2Pe 1.12-21). A mente sincera e pura é aquela que ouviu e recebeu a mensagem de salvação.

Vers. 3: “Antes de tudo, saibam que, nos últimos dias, virão escarnecedores com as suas zombarias, andando segundo as próprias paixões...”

No Novo Testamento, as expressões “os últimos dias” e “o fim dos tempos” referem-se ao período entre a primeira e a segunda vinda de Jesus Cristo, ao que podemos chamar de “a era da igreja”. A presença de

escarnecedores já durante a vida de Pedro (ver também Judas 18) mostra que o tempo dos “últimos dias” já começou. O cumprimento dessa profecia, também percebido em nossa época, pode trazer esperança, pois aponta para a presciência de Deus e seu controle sobre a história.

No texto original grego, as palavras “escarnecedores” e “zombarias” têm a mesma raiz. Isso traz uma ideia de ênfase. Juntas, essas palavras manifestam um desejo arrogante e desonroso de envergonhar outra pessoa. Elas apontam para um total desdém por outras pessoas e por Deus.

Vers. 4: [os escarnecedores dirão] “Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais morreram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”.

Aqui temos evidenciado o erro dos hereges. Como eles não veem uma evidência tangível da segunda vinda de Jesus, eles questionam se a promessa feita era verdadeira. Seus corações idólatras colocam sua confiança na própria capacidade humana de percepção de realidade, se respaldam em seu próprio conhecimento e duvidam da palavra do Senhor. Como resultado, eles se consideram livres para fazer o que seus corações desejarem, sem responsabilidade, já que, não havendo retorno de Cristo, não haverá julgamento.

Vers. 5: “Acontece que, de propósito, esquecem que os céus existem desde muito tempo, e que a terra surgiu da água e através da água pela palavra de Deus”.

Pedro passa então a refutar o raciocínio dos escarnecedores, evidenciando um Deus ativo e presente na história humana. Ao mesmo tempo que faz isso, destaca o poder da palavra de Deus, apontando para a confiança que devemos ter nela. Afinal, foi essa Palavra que deu origem a tudo o que existe.

Vers. 6-7: “Com base nesta palavra também o mundo daquele tempo foi destruído, afogado em água. Pela mesma palavra, os céus e a terra que agora existem têm sido guardados para o fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e da destruição dos ímpios”.

Ao longo da história, Deus continua intervindo, também com palavras de julgamento. A referência ao Dilúvio, além de apontar para a atuação de Deus na história, também nos lembra do julgamento final. Aqui há palavra dura para os que não se arrependem, mas também palavra de esperança para os que creem, pois, também no Dilúvio, Deus salvou aqueles que ouviram sua voz.

Vers. 8: “Mas há uma coisa, amados, que vocês não devem esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos são como um dia”.

Quando afirmamos que Deus é eterno, isso não apenas significa que ele não terá fim, mas também que não teve início. Nós, criaturas, estamos limitados ao tempo e sua perspectiva. Deus é o Criador e Senhor sobre tudo o que existe, incluindo o próprio tempo. Assim, enquanto nossa visão da história é extremamente limitada, a de Deus é plena. Por isso, questionar o momento apropriado para o retorno de Jesus é uma arrogante usurpação da autoridade de Deus. Também aqui se expressa a idolatria dos escarnecedores.

Vers. 9: “O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a julguem demorada. Pelo contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento”.

Podemos dizer que a teologia cristã é uma teologia da promessa. Deus faz promessas e, mais do que isso, ama cumpri-las. O maior exemplo disso foi o envio do Salvador Jesus. Temos como certas as bênçãos da santa ceia e do batismo, pois se sustentam nas promessas de Deus. Vivemos em esperança cada desafio de nossa vida, pois nos apegamos às suas palavras. Deus é fiel, e cumprirá o que disse. Deus também é longânimo, e é nessa longanimidade que encontramos resposta à pergunta: “Por que Jesus não voltou ainda?” Dizer que Deus é longânimo significa dizer que ele demora em irar-se, dá tempo para arrependimento e age com misericórdia. São inúmeros os textos bíblicos que apontam para esse caráter misericordioso de Deus, desde o Antigo Testamento, como é o exemplo de Números 14.18: “O Senhor é longânimo e grande em misericórdia...” Mesmo que muitos neguem a Jesus, seu amor universal permanece, e seu desejo é que **todos** cheguem ao arrependimento e, conseqüentemente, à salvação.

Vers. 10: “Porém, o Dia do Senhor virá como um ladrão...”

A segunda vinda de Cristo é certa. Não há como escapar disso. Ao compará-la a um ladrão, entre outras coisas, Pedro enfatiza a vulnerabilidade humana e condena uma presunção de controle. Apesar de não nos darmos conta disso, não possuímos o que temos. Tudo pertence ao Criador e Senhor do universo.

Vers. 17: “Portanto, vocês, meus amados, visto que já sabem disso, tenham cuidado para que não sejam arrastados pelo erro desses insubordinados e caiam da posição segura em que se encontram”.

Considerando tudo o que vai acontecer, Pedro traz uma advertência. Se deixarmos a Palavra, cairemos da posição segura na qual estamos. E como não permitir que isso aconteça? É o que nos responde o próximo versículo.

Vers. 18: “Pelo contrário, cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno”.

No verbo “cresçam”, temos o modo imperativo, tempo presente. Ele indica algo contínuo. Aqui, Pedro nos chama a buscarmos um crescimento contínuo, a vivermos a cada dia um processo de amadurecimento em Cristo até o dia de sua segunda vinda. O foco não é o esforço humano, mas as dádivas já concedidas por Deus através da fé. Cristo é a fonte da graça e do conhecimento através de seus ensinamentos, sua vida, sua obra. O conhecimento de Deus e de sua Palavra nos alimenta, nos sustenta e nos fortalece diante dos ataques à nossa fé. Sua graça nos abraça, nos transforma, nos ergue para junto do Pai.

SOBRE OS ESCÁRNIOS DE NOSSA ÉPOCA

Como já dito anteriormente, as palavras “escarnecedores” e “zombarias” em 2Pedro 3 têm a mesma raiz no texto original grego. Assim, poderíamos traduzi-las por “escarnecedores” e seus “escárnios”. Há uma ideia de ênfase aqui presente. No texto de Pedro, esses escárnios se manifestaram através de questionamentos sobre o cumprimento da promessa feita. Como vimos, eles estavam carregados de um pensamento idólatra que colocava a perspectiva humana acima da promessa divina.

Avançando nessa reflexão, podemos afirmar que, no Novo Testamento, “escárnio” significa zombaria, ridicularização, desprezo expresso em palavras ou atitudes. O escárnio não era apenas “rir de alguém”, mas uma forma de violência moral e espiritual, que visava negar a dignidade da pessoa e reforçar a rejeição social. Mais do que isso, e esta é a afirmação principal deste artigo no que se refere ao significado teológico do termo, ele descreve um indivíduo que não leva a sério os ensinamentos divinos, age com falta de seriedade e rejeita a sabedoria, mostrando-se insensato e altivo.

Assim definido o termo, os escárnios dos escarnecedores têm se apresentado em muitas formas diferentes ao longo da história. Queremos,

brevemente, destacar algumas de suas formas em nossa história mais recente e contemporânea, chamando atenção para seus perigos.

Secularização: Existem diferentes maneiras de compreender o termo. Uma definição mais “clássica” contrasta o secular com o sagrado, o plano celeste com o plano terreno. Por exemplo, o termo pode ser utilizado para diferenciar atividades que cuidam do sagrado, como o sacerdócio religioso, dos trabalhos considerados seculares, como açougueiros e padeiros. Uma compreensão moderna do termo afirma o secular como sendo um espaço neutro, livre das demandas e particularidades do religioso, um lugar governado pela razão. Na opinião de muitos, por exemplo, o espaço político deveria estar livre das particularidades da religião. Uma terceira perspectiva do conceito de secularização propõe uma condição onde o crer é contestado, onde a existência do transcendente não é mais uma verdade inquestionável, onde é possível não crer em Deus.

Nesta última compreensão, enfatizada por pensadores como Charles Taylor, a crença passa a ser considerada uma entre outras opções e, portanto, sujeita à contestação. Aqui há uma mudança profunda. Visto dessa maneira, o secularismo não trata apenas de subtrair e eliminar rituais, crenças e deuses, mas de oferecer uma nova opção, uma em que o sobrenatural não é mais uma realidade inquestionável, o que abre espaço para outros referenciais existenciais. O lugar antes ocupado pelo religioso não pôde ficar vazio, pois a necessidade de significado para nossa existência e de nossa realidade sempre nos acompanhará. Assim, a base para a busca desse significado foi deslocada do Criador para a criatura, abrindo a possibilidade do chamado humanismo exclusivista. A expressão se refere a um tipo de humanismo que reconhece apenas o florescimento humano como finalidade última, e não admite lealdade a qualquer princípio ou entidade que esteja além desse ideal. Para Taylor, trata-se de uma mudança profunda, pois nenhuma sociedade anterior se estruturou com base nessa perspectiva. Como consequência, outras ênfases ganham espaço, como o individualismo, o materialismo filosófico e o hedonismo.

Antes, vivia-se no mundo marcado pela cultura judaico-cristã¹ um *telos* eterno, o qual carregava em si o conceito de juízo final como elemento

¹ Alguns podem questionar a expressão, mas ela ainda parece ser útil, especialmente ao destacar o inegável papel da cultura bíblica sobre o ocidente.

estruturante. Ele trazia um senso de obrigação que apontava para algo além do florescimento humano neste mundo, tendo como alvo final a transcendência dos limites impostos pelo pecado. Com a secularização, o foco passou para o ser humano e sua capacidade de transformar sua vida aqui e agora. Assim, mudou-se de um plano da bondosa ação divina para com o universo para uma ordem que se fundamentava na busca do mútuo benefício para a vida neste mundo. No processo, perdeu-se a perspectiva do mistério, já que tudo o que Deus criou passou a ser objeto de estudo e as explicações passaram a ser racionais. O transcendente permaneceu, mas foi eclipsado e marginalizado. Isso gerou e ampliou uma visão materialista da realidade, que foca neste mundo natural e perde a perspectiva de uma realidade que não apenas o transcende, mas que também o define.

Pluralidade e pluralismo: A transformação descrita anteriormente é uma marca profunda do mundo ocidental contemporâneo. Se olharmos com atenção, veremos que o processo de secularização não apenas modificou estruturas sociais e culturais, mas também impulsionou a valorização da autonomia individual. Como consequência natural, o pluralismo passou a ocupar um lugar central como referência moral em nossa sociedade.

Antes de avançarmos nesse raciocínio, é importante distinguir dois conceitos que podem ser confundidos: pluralidade e pluralismo. A pluralidade é um dado da realidade – basta observá-la ao nosso redor. Há uma diversidade religiosa evidente: muitos se identificam como cristãos, mas mesmo dentro do cristianismo há múltiplas expressões. Essa diversidade se amplia ainda mais quando consideramos outras tradições, como os cultos afro-brasileiros, o budismo, o espiritismo kardecista, o islamismo, entre outros.

Já o pluralismo diz respeito à forma como o mundo ocidental tem respondido a essa pluralidade. Trata-se de uma postura ética e política que reconhece o valor intrínseco de cada manifestação religiosa e rejeita qualquer tentativa de imposição totalitária. O pluralismo, nesse sentido, é sustentado por uma lógica simples e poderosa: o direito de escolher livremente só se mantém quando reconhecemos esse mesmo direito nos outros.

A secularização, portanto, não se limita à esfera pública ou institucional. Ela também alcança a consciência individual, trazendo à tona a subjetividade como elemento essencial. Assim como a sociedade e a cultura

foram secularizadas, também o modo como cada pessoa vive e interpreta sua fé passou por transformações.

Alguns momentos históricos ajudam a compreender esse movimento. O historiador James Turner, por exemplo, aponta a Reforma como um divisor de águas. Ao romper com a ideia de uma Igreja Católica única, os movimentos reformistas deram origem a diversas igrejas e interpretações. Com isso, surgiram tensões, disputas e até guerras dentro da cristandade. Essas crises religiosas, muitas vezes entrelaçadas com interesses políticos, geraram um clamor crescente por tolerância e liberdade religiosa – especialmente dentro do próprio cristianismo.

À medida que o poder da Igreja Romana enfraquecia, os Estados-nação e seus monarcas ganhavam força. Isso alterou profundamente a dinâmica de autoridade: a igreja perdeu a capacidade de delimitar o pensamento e os comportamentos das pessoas. Em seu lugar, emergiu um novo conjunto de ideias, valores e hábitos – um *ethos* centrado na liberdade pessoal como valor supremo.

Esse novo *ethos* colocava o “eu” no centro da vida moral, rejeitando fontes externas de autoridade. Ampliava-se, então, uma vontade de explorar livremente os próprios impulsos, de compreender-se por dentro. Carl Jung, por exemplo, via nesse movimento o nascimento de uma religiosidade privada, marcada por uma postura anti-institucional. Afinal, quando o foco está na individualização, as instituições tendem a ser vistas como obstáculos.

Com o tempo, esse modo de pensar levou ao pluralismo de valores. As expressões religiosas passaram a ser valorizadas pelo que significam para cada cultura – e, ainda mais, pelo que representam para cada indivíduo. Nessa perspectiva, cada pessoa carrega (pode carregar) uma crença que é sua, e essa crença merece respeito justamente por seu valor subjetivo. Em outras palavras, neste novo *ethos* podem existir tantas formas de fé quanto pessoas, e todas elas devem ser reconhecidas por aquilo que significam para quem as vive.

Esse entendimento fortalece a ideia de tolerância. Reconhecer as diferenças e respeitar as diversas expressões religiosas torna-se uma necessidade ética. A lógica por trás disso é clara: meu direito de escolher depende do reconhecimento do direito de escolha do outro.

O que vemos, então, é um compromisso crescente com o pluralismo como valor fundamental no Ocidente. Isso se manifesta na cultura,

na ciência e na filosofia, por meio da ruptura com visões únicas da realidade e da valorização da diversidade de saberes. O Iluminismo, ao exaltar a razão humana e a liberdade de pensamento, contribuiu decisivamente para esse cenário. E, mais uma vez, o ser humano ocupa o centro – o que nos remete ao conceito de humanismo exclusivista mencionado anteriormente.

Nilismo: Eu acredito que existe um fantasma assombrando nossa geração e que é o fantasma da falta de sentido e real significado para nossa vida. Parece-me que era também sobre isso que falava o filme, “Tudo, em todo lugar, ao mesmo tempo”, sucesso da Netflix, vencedor de sete Oscars. O filme relata o drama de uma menina que, vivendo várias vidas em diferentes dimensões, não encontrou sentido real para quem ela era. Apesar do final heroico, ali a arte retrata um dos grandes males de nossa contemporaneidade: caos, versões alternativas de nós mesmos, multiversos e, ainda assim... vazio.

O tempo muda, os desafios mudam, as angústias mudam. Por isso, acredito que uma das grandes perguntas de nossa época seja esta: “Qual o real sentido e propósito para quem eu sou e para as experiências que vivo?” Curiosamente, existem aqueles que afirmam que as novas gerações nem fazem mais essas perguntas existenciais, pelo menos não de maneira propositiva. Talvez isso possa ser o efeito do estado narcótico que nós mesmos criamos.

Em parte, acredito que esse dilema humano foi amplificado por causa de uma visão estreita de realidade que construímos nos últimos séculos, como descrito acima, uma visão limitada que nos faz focar apenas no mundo material e secular. Vivemos numa era onde tudo parece possível – menos encontrar sentido. É como se estivéssemos zapeando entre mil canais e, mesmo assim, não achamos nada que nos prenda. Na verdade, parece que nós escolhemos essa realidade. Reduzimos tudo ao que dá para pesar, medir, comprar, postar. Nessa versão “2D” da vida, perdemos a profundidade.

Hoje, significativa parte das pessoas não busca respostas sobre Deus ou a vida após a morte, mas, sim, sentido nos projetos terrenos e cotidianos. Diferente da experiência de Paulo com o “deus desconhecido”, hoje muitos vivem em um contexto que oferece propósito sem recorrer ao transcendente. É uma era marcada pelo humanismo. “A longa jornada desde um mundo medieval atormentado pelo sofrimento, mas grávido de significado, nos

trouxe a um lugar de conforto antes inimaginável – porém esvaziado de significado e conexão” (Dreher, 2017, p. 46 – tradução minha). Mas a fé cristã vai na contramão: ela não foge das nossas perguntas – ela as amplia. Ela não nos aliena – ela nos desperta. Jesus quer restaurar o nosso senso de pertencimento. Crer em Cristo é sair do modo superficial e entrar no modo eterno. É se conectar com o Autor do universo e, finalmente, descobrir que há um porquê – e um para quem – viver. Isso mostra como a fé em Cristo é fundamental; primeiro, por que ela nos fornece uma maneira melhor de nomearmos e sermos honestos a respeito de nossos limites enquanto seres humanos e, ao mesmo tempo, abre nosso horizonte para a infinitude que encontramos em Deus e seu amor.

Tecnologia e sociedade: A tecnologia tem transformado profundamente a sociedade, conectando pessoas, democratizando o acesso à informação e ampliando oportunidades de aprendizado, trabalho e expressão. A internet e as redes sociais, em especial, deram voz a milhões, facilitaram movimentos sociais e aproximaram culturas antes distantes. Nunca foi tão fácil compartilhar ideias, formar comunidades e encontrar apoio.

Mas, como já nos advertiu Marshall McLuhan, a tecnologia é uma extensão de nossa humanidade e, portanto, carrega em si potencial para o bem e para o mal. Dessa maneira, a mesma rede que une também pode sufocar. Em *A Geração Ansiosa*, Jonathan Haidt revela como o uso precoce e excessivo das redes sociais tem contribuído para uma epidemia de ansiedade, depressão e fragilidade emocional entre jovens. A promessa de conexão deu lugar à comparação constante, à exposição sem limites e à perda de vínculos reais. A tecnologia, que parecia ser ponte para o futuro, também se tornou espelho de nossas inseguranças.

Haidt argumenta que há um crescimento alarmante nos índices de ansiedade, depressão e automutilação entre adolescentes, especialmente meninas, a partir do início da década de 2010. Em seu livro, ele responsabiliza as empresas de tecnologia por explorarem vulnerabilidades psicológicas infantis para maximizar o engajamento, operando em todo o mundo com escassa regulação. Em seu estudo, isso levou a Geração Z – nascida após 1995 – a tornar-se uma “geração ansiosa” devido à combinação de dois fatores: superproteção no mundo físico e abandono no mundo digital. O isolamento social, aliado ao acesso irrestrito à pornografia extrema e, mais recentemente, a interações com “namoradas de IA”, tem contribuído

para um estado de anomia – a perda de normas e de propósito – e para a sensação de que a vida, muitas vezes, parece sem sentido.

Em seu livro, Haidt traz um rico desenvolvimento de seu argumento. Interessantemente, entre seus capítulos há um que trata da degradação espiritual sofrida pelas novas gerações, se conectando com elementos já trabalhados anteriormente neste artigo. Haidt analisa como a vida mediada por telas corrói práticas ancestrais ligadas à espiritualidade. Alguns destaques: a) o ambiente virtual dissolve a estrutura de tempo e espaço, tornando tudo profano e desprovido de sincronia comunitária; b) a centralidade da tela enfraquece a presença corporal, essencial às relações humanas; c) a constante fragmentação da atenção impede introspecção e contemplação; d) As redes sociais reforçam o narcisismo e a busca por prestígio, dificultando experiências de transcendência; e) A lógica das redes estimula julgamentos instantâneos, alimentando polarização e; f) O conteúdo superficial e degradante ocupa o espaço da busca por sentido, desviando o olhar da beleza natural.²

Ao observarmos essas expressões contemporâneas de escárnio – da secularização que desloca o sagrado, ao pluralismo que absolutiza o eu, do niilismo que esvazia o sentido, até a tecnologia que amplifica nossas fragilidades – percebemos que todas elas, embora diversas, convergem para a mesma raiz: a idolatria. Em cada uma dessas manifestações, o ser humano assume para si o lugar que pertence a Deus, confiando mais em suas próprias construções, desejos e percepções do que na revelação divina. Assim, os escárnios de nossa época não são apenas zombarias explícitas, mas modos sutis e sofisticados de rejeitar a sabedoria do Senhor e exaltar a criatura acima do Criador. É justamente diante desse cenário que a exortação de Pedro se torna ainda mais urgente, convidando-nos a resistir a tais ilusões e a trilhar o caminho seguro: crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, tema ao qual nos voltamos a seguir.

2 Como resposta aos desafios vividos, Haidt propõe quatro medidas centrais: restringir o uso de smartphones até o ensino médio, proibir o acesso às redes sociais antes dos 16 anos, eliminar celulares das escolas e incentivar maior autonomia na infância. Alguns países como a Austrália (primeiro país do mundo a proibir o acesso a redes sociais por menores de 16 anos de idade) e o Brasil (que restringiu o uso de celulares nas escolas) apresentam políticas inspiradas por essas medidas.

SOBRE CRESCER NA GRAÇA E NO CONHECIMENTO DE NOSSO SENHOR E SALVADOR JESUS CRISTO

Ao chegarmos ao apelo final de 2Pedro 3 – “cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” – encontramos não apenas uma exortação piedosa, mas a resposta bíblica mais profunda aos escárnios e idolatrias que marcam nossa época. Se, como vimos, a secularização, o pluralismo, o niilismo e até mesmo o uso desordenado da tecnologia revelam um coração humano que deslocou seu centro de Deus para si mesmo, então o convite apostólico torna-se ainda mais urgente. Pedro nos chama a um movimento contrário ao espírito de nosso tempo: em vez de buscar significado em nós mesmos, somos conduzidos a crescer continuamente naquilo que Deus nos dá – sua graça – e naquilo que ele nos revela – o conhecimento de Cristo. Esse crescimento não é um projeto de autossuperação, mas um retorno constante à fonte da vida, que nos liberta das falsas promessas de autonomia e autossuficiência. Assim como Paulo (Ef 4.13) descreve a maturidade cristã como alcançar “a medida da estatura da plenitude de Cristo”, Pedro nos lembra que essa plenitude não é conquistada, mas recebida e aprofundada ao longo de toda a vida. Em meio às pressões culturais que tentam moldar nossa identidade segundo padrões idólatras, o caminho da igreja permanece o mesmo: permanecer em Cristo, ser formado por ele e crescer nele. É a partir dessa perspectiva confessional que avançamos para refletir sobre esse crescimento na vida cristã, especialmente por meio dos dons que Deus concede à sua igreja para nutrir e sustentar seus filhos na fé.

Pensar sobre isso me faz lembrar de um professor que tive na época do intercâmbio. Seu nome é Robert Weise. No seminário em Saint Louis, MO, ele era responsável por disciplinas na área de bioética. Por vezes, as discussões em aula ficavam acaloradas. Nessas situações, ele demonstrava sua habilidade em redirecionar posições divergentes para um ponto que servisse de base para uma construção compartilhada. Fazia isso conclamando todos a “Let's go back to the basis!” A base comum para a qual ele nos chamava, a partir da qual deveríamos construir, era o Catecismo.

A elaboração dos catecismos por Martinho Lutero, em 1529, surgiu como resposta urgente a uma profunda crise pastoral e educacional na Saxônia. Durante as visitas que o reformador realizou às igrejas em 1528,

ficou evidente o estado alarmante da população, especialmente nas áreas rurais, onde reinava uma completa ignorância sobre os fundamentos da fé cristã. Muitos não conheciam sequer o Pai-Nosso, o Credo ou os Dez Mandamentos. Lutero descreveu essa realidade com dureza, comparando-a à vida de “animais irracionais”.

Além da falta de instrução, observava-se um uso distorcido da liberdade cristã, que em alguns casos se transformava em libertinagem. Diante desse cenário, Lutero reconheceu a necessidade urgente de oferecer uma formação básica e sólida, capaz de orientar espiritualmente o povo e fortalecer sua vivência da fé no cotidiano.

Com o passar do tempo, dentro da história da tradição luterana, o Catecismo de Martinho Lutero passou a ser frequentemente utilizado como ferramenta de ensino para jovens em preparação para a confirmação. No entanto, uma abordagem limitada a essa função pode obscurecer a profundidade e a riqueza espiritual que o Catecismo oferece. Charles Arand, teólogo luterano contemporâneo, propõe uma releitura desse documento, destacando seu valor como um guia contínuo para a vida cristã. Para Arand, o Catecismo não é apenas um compêndio de doutrinas básicas, mas um convite à formação espiritual diária, que acompanha o crente desde a infância até a velhice.

Essa perspectiva se alinha com a intenção original de Lutero, que via o Catecismo como uma forma de manter a palavra de Deus viva e ativa no cotidiano das pessoas. Ao incluir orações, explicações dos mandamentos, do Credo e dos sacramentos, Lutero buscava oferecer um roteiro para a vivência da fé em casa, na igreja e na sociedade. Arand reforça que esse uso contínuo – “do berço à sepultura” – é essencial para que a fé cristã não se torne apenas um conjunto de informações, mas uma realidade encarnada na mente e no coração do crente. Dessa maneira, o Catecismo se torna uma fonte de bênçãos que orienta decisões, molda atitudes e fortalece a identidade cristã em meio aos desafios da vida moderna. Tal perspectiva reconhece o Catecismo como um companheiro espiritual, cuja simplicidade esconde uma profundidade teológica capaz de transformar vidas.

Ao desenvolver essa abordagem, Arand afirma que o Catecismo deve ser definido menos em termos de sua forma (como um livro de perguntas e respostas) e mais em termos de seu conteúdo – a coleção de textos clássicos (Decálogo, Credo e Pai-Nosso) que a igreja sempre identificou como

essenciais para a identidade cristã. Para ele, a ordem distinta de Lutero (Mandamentos – Credo – oração do Senhor) é intencional e deliberadamente teológica. Ela estabelece um ritmo existencial que conduz à vida cristã: do reconhecimento do pecado (lei) à recepção da graça (evangelho) e, em seguida, à prática da fé (oração e vocação).³

A exortação de Pedro a “crescer na graça e no conhecimento de Cristo” mostra que a maturidade cristã é um caminho contínuo que resiste às ilusões de autonomia do nosso tempo, e é justamente nesse contexto que o Catecismo se revela especialmente valioso para a geração atual. Ele não é apenas um manual para adolescentes, mas um fundamento que reconduz a fé ao essencial – a Palavra, a graça e a vida em Cristo – oferecendo um eixo seguro diante das pressões culturais e espirituais que moldam identidades de forma distorcida. Ao recuperar sua função original como guia diário “do berço à sepultura”, o Catecismo se torna um companheiro espiritual capaz de formar o coração e a mente em meio às incertezas contemporâneas, preparando naturalmente a reflexão seguinte sobre o papel da família como primeiro espaço onde esse crescimento é nutrido e sustentado.

A família como educadora primária

Eu seu livro, *That I maybe His Own*, Charles Arand apresenta uma significativa reflexão sobre o papel da família na educação cristã, o que serve como crítica àqueles que se isentam do privilégio e responsabilidade de educar os seus nos caminhos do Senhor.

De acordo com Arand, ao redigir o Catecismo, Martinho Lutero convocou uma verdadeira aliança entre autoridades civis, líderes religiosos e famílias para assumir a responsabilidade pela educação cristã. Entre esses agentes, ele atribuiu à família – especialmente ao chefe do lar – o papel central.

Isso ocorreu porque Lutero via o lar como o espaço legítimo e divinamente instituído para a prática de boas obras, em contraste com a espiritualidade monástica que desprezava a vida cotidiana. Ele conferiu

³ Há aqueles que entendem que essa percepção da ordem distinta de Lutero não estaria na mente do reformador. Isso porque, não sendo Lutero um antinomista, ele reconhecia um papel mais amplo da lei na vida do cristão. Por outro lado, considerando-se a luta central de Lutero contra uma teologia das obras, pode-se afirmar que há sentido numa ênfase sobre a lei como espelho diante do pecador.

ao chefe da família (*Hausvater*) títulos tradicionalmente reservados ao clero, chamando pai e mãe de “bispo e bispa do lar” em seus sermões sobre o Catecismo (1528). Ao atribuir ao chefe da casa a função de “pastor doméstico”, Lutero concebia o lar como uma pequena igreja, onde a família se reunia para estudar, orar e viver a fé cristã. O Catecismo foi pensado como um guia prático para essa vivência espiritual cotidiana, sendo assim elaborado com o propósito de capacitar o chefe de família, mesmo que ele tivesse pouco tempo ou preparo formal, a ensinar os fundamentos da fé.

As primeiras edições do Catecismo foram impressas em folhas avulsas, cada uma com o título: “Como o chefe da casa deve ensinar...”, evidenciando seu uso doméstico. Suas explicações foram escritas para adultos, que deveriam transmitir o conteúdo às crianças e demais membros do lar. Lutero usava uma linguagem pessoal e confessional, como no Primeiro Artigo, referindo-se à “esposa e filhos” como dádivas de Deus. Nesse contexto, é importante lembrar que o conceito de lar da época não se limitava à família nuclear, mas incluía todos os que viviam sob o mesmo teto – servos, empregados e dependentes.

O ensino consistia na transmissão oral da Palavra (*traditio*) seguida pela recitação pelo aprendiz (*redditio*). As crianças eram incentivadas a repetir os textos diariamente – ao acordar, às refeições e ao dormir. Os pais deveriam examinar semanalmente os filhos e os servos, garantindo que memorizassem o Catecismo. Curiosamente, Lutero recomendava ações rigorosas contra a recusa persistente em aprender.

A inclusão da Tábua de Deveres no Catecismo Menor expressa a dimensão prática da fé e a responsabilidade do chefe de família na formação espiritual. Ela funcionava como uma extensão dos Dez Mandamentos, orientando o comportamento cristão no governo horizontal da vida social. Já as orações matinais e vespertinas, associadas à meditação no Catecismo, criavam um ritmo espiritual que moldava o cotidiano da família.

Com isso, argumenta Arand, Lutero não apenas confiou aos pais a missão de ensinar a fé, mas lhes ofereceu uma ferramenta para exercerem sua vocação como pastores domésticos. O lar, assim, torna-se o primeiro e mais essencial espaço de formação cristã.

A perspectiva acima apresentada supera barreiras de espaço e tempo. Isso porque, ao destacarmos o papel do lar como igreja doméstica e do chefe da família como pastor do lar, rompe-se com a ideia de que o

ensino cristão está restrito ao espaço físico da igreja ou ao tempo formal da catequese. Ao conceber o Catecismo como um manual para a vida cristã cotidiana, Lutero propõe uma pedagogia que transcende limites institucionais e temporais, inserindo a instrução da fé nos ritmos diários da casa – ao acordar, nas refeições e ao dormir. Essa abordagem transforma o lar em um ambiente permanente de formação espiritual, onde a palavra de Deus é vivida, ensinada e meditada continuamente, reafirmando a vocação educativa da família como central na missão cristã. Essa é uma perspectiva importantíssima para o crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.⁴

Tal entendimento traz à mente um movimento a ser destacado nas estratégias educacionais de nossas congregações: fortalecer a religiosidade parental. O trabalho precisa ser propositivo. Primeiramente, ele envolve cultivar a fé dos pais, mas também tornar claro o chamado que eles têm no lar. Christian Smith e Amy Adamczyk se dedicam a refletir sobre isso em seu livro *Handing Down the Faith: How Parents Pass Their Religion on to the Next Generation*. Seus estudos indicaram uma descoberta-chave: o significativo impacto das chamadas “conversas religiosas”. Nelas, a família trata de diferentes tópicos do ser e viver neste mundo a partir da perspectiva da fé. Trata-se de um refletir sobre como se constitui nossa vida diante de Deus e diante do universo criado por ele.

Quando essas conversas ocorrem naturalmente e frequentemente no lar, o cultivo da fé assume traços muito significativos, com impactos profundos para toda a vida. Isso significa que os pais devem viver a fé no seu dia a dia, mas também conversar regularmente com os seus filhos sobre essa vivência. Além de cultivar as verdades eternas da graça de Deus revelada em Cristo, fundamento da fé cristã, tais conversas ajudam todos a articular suas crenças às oportunidades e desafios da vida. Se a fé for considerada

4 Entre outras coisas, essa perspectiva afirma a importância do papel do pai presente, chamado à responsabilidade da paternidade que envolve, de maneira fundamental, a condução dos filhos (sua família) pelos caminhos da fé. Pesquisas têm indicado que cerca de 21% dos lares brasileiros registram ausência paterna — ou seja, o pai está ausente da convivência familiar. Esse dado foi divulgado em agosto de 2025 e revela uma realidade preocupante sobre o abandono paterno no país. A igreja precisa ter voz profética também quanto a isso. Num mundo repleto de ideologias que visam desestruturar famílias, é papel da igreja reafirmar, de maneira propositiva, a responsabilidade dos homens por suas famílias, e isso começa desde cedo. (“Brasil no Espelho”. Disponível em: <https://gente.globo.com/brasil-no-espelho/>. Acesso em: 28 out. 2025).

importante pelos pais, as conversas podem demonstrar que a religiosidade não é apenas um acessório cultural ou elemento isolado vivenciado num momento da semana, mas fundamento para a vida, para o ser, viver e conviver. O próximo trecho deste trabalho aprofunda essa perspectiva, estendendo-a para além da família. Faz isso usando como exemplo um dos temas centrais presentes no Catecismo: o Credo Apostólico.

Articulando fé e vida

Há um elemento fundamental da constituição de nosso cérebro que pode servir de metáfora para a tese que queremos desenvolver aqui – trata-se das sinapses. Tal tese se conecta e expande para além do seio familiar um dos temas tratados acima, a saber, a criação de oportunidades de crescimento através da articulação da nossa fé com as experiências que vivenciamos no dia a dia.

Sinapses são conexões entre neurônios – as células do sistema nervoso – que permitem a transmissão de impulsos elétricos e químicos. Quando um neurônio quer “comunicar” uma informação a outro, ele libera neurotransmissores que são captados pelo neurônio seguinte. Esse processo é essencial para que o cérebro funcione, possibilitando desde movimentos simples até pensamentos complexos.

As sinapses são a base biológica da aprendizagem, da memória e do desenvolvimento de competências humanas. Cada vez que aprendemos algo novo, formamos ou fortalecemos sinapses entre neurônios específicos. Essa plasticidade cerebral – a capacidade de criar, modificar ou eliminar conexões – é o que nos permite evoluir intelectualmente, emocionalmente e socialmente. Habilidades como raciocínio lógico, empatia, coordenação motora, criatividade e tomada de decisão dependem da eficiência e da organização dessas redes sinápticas. O ponto-chave que se quer afirmar aqui é: quanto mais estimulamos o cérebro com experiências significativas, mais robustas e refinadas se tornam essas conexões, ampliando nosso repertório de competências.

A fé salvadora é dádiva de Deus em nossa vida. Pela ação do Espírito através das promessas do evangelho, ela se apegue a Cristo e ao que ele conquistou por nós. As bênçãos recebidas através dela são graça imerecida que fluem do coração amoroso de Deus. Ao mesmo tempo, sendo

o Criador de tudo o que existe, Deus faz uso de meios que ele mesmo criou para abençoar o seu povo, fortalecendo-os em sua caminhada de fé. Assim, investir de maneira propositiva na educação cristã, promovendo oportunidades de cultivo para o crescimento dos filhos e filhas do Pai Celeste, é obra desejável e resposta ao nosso chamado batismal. Parte disso passa pelo cultivo da nossa capacidade de articular dogmas da fé à vida e piedade cristãs.

Esclareço que, aqui, piedade cristã é compreendida não como um esforço humano para alcançar Deus, mas como uma resposta à graça divina já concedida, resposta que brota da própria ação de Deus em nós e através de nós. Ela se traduz em práticas como culto, oração, participação comunitária e serviço ao próximo no cotidiano. Assim, a verdadeira piedade é viver a fé no dia a dia – no lar, no trabalho, na igreja – como testemunho da ação de Deus na vida do crente, sempre enraizada na Palavra e nos sacramentos.

Agora, no que se refere aos dogmas da fé cristã, podemos afirmar que existe neles uma enorme riqueza para a vida piedosa. No entanto, por vezes, corremos o risco de deixar passar despercebidos os profundos *insights* – aquelas compreensões que iluminam a prática da fé – que esses dogmas trazem para a vivência e o testemunho de nossa fé em qualquer contexto. Por isso, penso ser importante exercitarmos nossa capacidade de conectar as verdades presentes nesses dogmas com nossa vida encarnada.⁵ Acredito que, como no caso das sinapses, quanto mais criamos conexões entre os dogmas da fé e a vida, mais compreendemos a riqueza daquilo que cremos. Tal exercício deve ser proposital e se fazer presente tanto em ambientes formais quanto ambientes informais de educação cristã. Assim, o incentivo aqui é exercitarmos a capacidade de esmiuçar nossas doutrinas de maneira que iluminem o viver e conviver do cristão, fazendo com que a teologia alcance seu propósito: uma vivência encarnada da fé.

5 O Concordia Seminary de St. Louis, MO, EUA, tem trabalhado num projeto muito interessante cuja motivação se alinha à ideia aqui apresentada. Trata-se do podcast *Tangible: Theology Learned and Lived* (Tangível: Teologia aprendida e vivida), que explora como a teologia se conecta de maneira concreta com a vida cotidiana. Ele apresenta conversas com professores do seminário sobre temas variados, sempre mostrando como a fé cristã dialoga com questões práticas, culturais e espirituais do dia a dia.

Abaixo, apresenta-se um exercício de reflexão que caminha nessa direção. De maneira alguma ele esgota o assunto, muito longe disso. Ele envolve breves arrazoados e serve apenas como uma pequena amostra que, este é o desejo, possa tornar-se semente para crescimentos muito mais profundos em toda a riqueza da fé cristã. Trata-se de uma breve reflexão sobre a Trindade e o aspecto relacional de nossa existência. Tal reflexão brota de um dos temas centrais do Catecismo: o Credo Apostólico.

Desde a igreja primitiva, a doutrina da Santíssima Trindade tem sido um desafio para a lógica humana. Muitas foram as metáforas já criadas como tentativas de explicação, mas nenhuma delas dá conta plena do mistério ali envolvido. Aqui, faço uso da palavra mistério num sentido teológico, como aquilo que não saberíamos por nós mesmos, mas que Deus revelou a nós através de sua Palavra. Por causa disso, corremos o risco de afirmar aquilo que é posto pela doutrina como verdade divina, mas, por causa de seu desafio lógico, colocá-la como numa gaveta de ensinamentos que são importantes, mas que não têm muito a dizer para a piedade cristã, como descrita acima. No entanto, se esmiuçarmos esta erva, encontraremos incontáveis tesouros.

Um dos aspectos da doutrina que pode ser destacado, por exemplo, é que ela fala de um Deus relacional. Um dos termos utilizados para se referir a esta relação é *pericorese*. Ele vem do grego *peri* (ao redor) + *chōreō* (girar, circular, mover-se). A ideia presente nele é de mútua habitação, interpenetração sem confusão, dança de amor entre as três Pessoas divinas. É uma forma poética e profunda de dizer que Deus é comunhão, e que cada pessoa da Trindade vive em relação divinamente perfeita com as outras.

Tendo isso em mente, para mim é sempre interessante notar que este aspecto relacional de Deus é característica essencial presente em sua criação. Como canta o salmista, “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Sl 19.1). Seja quando olhamos para os astros do universo ou para a conexão entre abelhas e plantas, percebemos o quanto o aspecto relacional de Deus está presente em sua obra. E mais do que isso, ele não se colocou como uma entidade deísta que a tudo criou e depois se afastou, mas ele se relaciona intimamente com sua criação. Nessa relação, cada criatura dá conforme sua natureza, ou seja, conforme os dons que recebeu. Isso as conecta e fundamenta sua

existência. Não temos espaço suficiente aqui para desempacotar todos os detalhes dessa tese, mas salientamos algo: a doutrina da Santíssima Trindade impacta diretamente o meu dia a dia, chamando-me para, em relacionamento com a criação de Deus, marcadamente com o meu próximo, ser uma dádiva a partir das bênçãos que recebi.

Breves apontamentos sobre uma interessante pesquisa

Em 2017, departamentos de apoio da Lutheran Church-Missouri Synod (LC-MS) conduziram um estudo que buscava compreender a afiliação, crenças e práticas de jovens adultos (18-35 anos) ligados, de alguma maneira, àquela igreja. Os objetivos incluíam a coleta de dados sobre aqueles que permanecem ativos ou deixaram a denominação, a comparação com estudos mais amplos do cristianismo e o início de uma conversa na igreja sobre o cuidado da geração millennial. O estudo apresentou as principais conclusões e considerações para as congregações, destacando a importância dos pais, do engajamento em serviço e liderança, da criação de um ambiente seguro e da preparação para momentos de transição e crise. O estudo também abordou diferenças de opinião sobre questões sociais e doutrinárias entre os grupos.

É da compreensão deste artigo que o estudo pode servir de inspiração para que algo semelhante aconteça na Igreja Luterana brasileira, proporcionando insumos e consequentes conclusões que potencializem o trabalho educacional que tem sido realizado em nossas congregações. Além disso, mesmo tendo sido implementado numa cultura distinta, entende-se que o estudo pode trazer *insights* de reflexão para a educação cristã luterana brasileira também. Afinal, apesar da distinção entre os grupos, existem laços culturais e históricos bem significativos que nos conectam. Por isso, como conclusão deste artigo, serão apresentados, de maneira muito breve, as principais conclusões desse estudo, o qual todos são incentivados a conhecer na íntegra.

Preparação para transições e crises: Poucas pessoas estão se preparando e preparando os jovens para as múltiplas transições que vivenciamos, como a passagem para a vida adulta, por exemplo. Situações de crise podem ser pontos críticos para o aprofundamento ou a perda da fé e da comunidade. Na pesquisa mencionada, cerca de 15% dos jovens

adultos citaram um evento de crise como seu momento pivotal de fé. Nestes casos, relacionamentos estabelecidos com pais e outros adultos de confiança são cruciais para ajudar os jovens adultos a permanecerem conectados à fé.

Construção de uma visão de maturação cristã ao longo da vida: O estudo indica que não há programas “milagrosos” de alcance ou retenção. Por outro lado, ele identificou que os relacionamentos sempre são a chave nesses esforços. A educação cristã congregacional deve ter um plano para acompanhar as famílias de forma eficaz, desde o batismo até a idade adulta. Alguns números interessantes: congregações que possuíam pessoas contratadas para o trabalho com o ministério juvenil (pastores, diáconos, etc.) tiveram taxas de retenção mais altas na LC-MS na idade adulta (34%). A presença do pastor na instrução de confirmandos também afetou a retenção (35% se presente versus 24% se ausente).

Os pais têm papel crítico no desenvolvimento e retenção da fé: Os jovens não podem emular o comportamento de fé que não veem. Quando os pais não priorizam o culto e o engajamento congregacional, os jovens dificilmente o farão. Um alto nível de fé praticada pelos pais, incluindo leitura bíblica frequente, oração em família, presença regular de ambos os pais ao culto e pelo menos um dos pais exercendo um papel de serviço/liderança na igreja contribuem grandemente para o amadurecimento e permanência de jovens adultos na igreja. Quando os pais estão abertos a conversas difíceis sobre vida e fé, os jovens têm maior probabilidade de permanecer na igreja. Quase um em cada três jovens adultos listou um dos pais como uma das pessoas mais influentes em sua vida.

É importante engajar os jovens adultos em serviços de liderança: Dar aos jovens papéis de liderança permite que usem seus dons em um lugar seguro, onde sua identidade não reside em suas conquistas. Igrejas que tinham um líder com menos de 30 anos relataram uma taxa de retenção de jovens adultos em sua congregação local de 20%, significativamente superior aos 9% de retenção nas igrejas sem um líder jovem. Além disso, igrejas com um líder jovem perderam menos jovens antes de sua graduação (36%) do que aquelas sem (45%).

É fundamental criar um ambiente seguro nas congregações e no ministério juvenil: As congregações devem estar abertas a conversas desafiadoras e criar uma abordagem atenciosa e acolhedora em torno

de tópicos difíceis. É crucial manter-se firme naquilo que se acredita, pois os jovens procuram a verdade autêntica, mesmo que discordem. A verdade deve ser compartilhada de forma a construir relacionamentos, num liderar que ocorre permeado pela graça. A maioria dos Não Afiliados (85%) e Nominais LC-MS (57%) relatou sentir-se “julgado pela igreja”, em contraste com apenas 25% dos Ativos LC-MS. As duas principais razões dadas por aqueles que deixaram a LC-MS foram: sentir que a LC-MS exclui pessoas ou não é acolhedora, e discordar da postura da LC-MS em questões sociais.

É muito importante ensinar e apoiar os jovens para que compreendam e defendam a fé: Em um mundo crescentemente pós-cristão, os jovens precisam de apoio para enfrentar os novos ou peculiares desafios de ser cristão ou luterano. As questões sociais importam para aqueles dentro e fora da igreja. Oposição à LC-MS por causa de uma questão social foi a principal razão citada para afastamento. Estas pessoas demonstraram maior interesse do que os membros ativos da LC-MS em relação a questões como equidade das mulheres, questões LGBTQ e de raça/diversidade. A concordância com as posturas da LC-MS em temas como a ordenação de mulheres ou a discordância da atividade homossexual é muito maior entre os ativos da LC-MS (78% e 87%, respectivamente) do que entre os luteranos nominais (40% e 38%, respectivamente).

Diante de todos esses elementos – o chamado apostólico ao crescimento em Cristo, a redescoberta do Catecismo como guia para toda a vida, a centralidade da família como igreja doméstica, a necessidade de articular fé e vida de modo intencional e a urgência de compreender os desafios contemporâneos à formação cristã – torna-se evidente que a tarefa educativa da igreja não é periférica, mas parte essencial de sua missão. Crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, portanto, não é apenas um ideal espiritual, mas um caminho concreto, tecido no cotidiano, sustentado pela Palavra, vivido em comunidade e nutrido por relações que testemunham o amor de Deus. Que este compromisso, renovado em cada geração, continue a moldar nossa identidade e a fortalecer nossa vocação de formar discípulos que vivam e confessem a fé com profundidade, alegria e esperança.

CONSIDERAÇÕES

Diante dos desafios culturais, espirituais e existenciais de nossa época – da secularização ao niilismo, da fragmentação tecnológica à perda de sentido – torna-se ainda mais evidente a necessidade de uma formação cristã sólida, contínua e enraizada na Palavra. O testemunho de 2Pedro 3 nos lembra que, apesar dos escárnios e das dúvidas que atravessam as gerações, Deus permanece fiel, longânimo e ativo na história, conduzindo seu povo ao arrependimento e à esperança. Por isso, crescer “na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” não é apenas um conselho apostólico, mas um caminho de sobrevivência espiritual.

Nesse processo, o ensino confirmatório assume papel central. Ele não se limita a preparar jovens para um rito, mas os fortalece em um modo de viver moldado pela fé. Isso nos faz avançar para além do período do ensino confirmatório, compreendendo-o como um passo importante, mas como um passo dentro do contínuo caminhar do aprender cristão. O Catecismo é um instrumento para toda a vida, capaz de formar o coração e a mente em meio às tensões do mundo moderno. E, conforme evidenciado pela própria história da igreja, a família continua sendo o primeiro e mais decisivo espaço dessa formação – o lugar onde a fé é transmitida por meio de conversas, práticas, exemplos e amor.

Assim, reafirma-se que aprender para viver é aprender para viver em Cristo. É buscar maneiras para que a Palavra ilumine o cotidiano, fortaleça a identidade cristã e ofereça sentido em meio às incertezas. Em um tempo que oferece muitos caminhos, mas pouco propósito, a igreja é chamada a formar discípulos que caminhem com maturidade, esperança e confiança naquele que prometeu: “Eu farei novas todas as coisas”.

“A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno” (2Pe 3.18).
Amém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAND, Charles P. *That I May Be His Own: An Overview of Luther's Catechisms as a Model for Christian Life*. St. Louis: Concordia Publishing House, 2000.

DREHER, Rod. *The Benedict Option: A Strategy for Christians in a Post-Christian Nation*. New York: Sentinel, 2017.

GIESE, Curtis P. 2 Peter and Jude. In: WENTHE, Dean O.; GIESE, Curtis P. (org.). *Concordia Commentary*. Saint Louis, MO: Concordia Publishing House, 2012.

HAIDT, Jonathan. *The righteous mind: Why good people are divided by politics and religion*. New York: Pantheon Books, 2012.

_____. *The anxious generation: how the great rewiring of childhood is causing an epidemic of mental illness*. New York: Penguin Press, 2024.

LUTHERAN CHURCH-MISSOURI SYNOD. *LCMS young adult research: magazine report*. St. Louis: LCMS Youth Ministry, 2017. Disponível em: <https://www.youthesource.com/wp-content/uploads/2019/12/LCMS-Young-Adult-Research-Magazine.pdf>. Acesso em: 1º out. 2025.

McLUHAN, Marshall. *Understanding media: the extensions of man*. New York: McGraw-Hill, 1964.

OKAMOTO, Joel P. Evangelism in “An Age of Normal Nihilism”. *Missio Apostolica*, St. Louis, v. 22, n. 1, p. 33-43, 2014.

ROCKENBACH, Mark. How can pastors be intelligent about emotions. *Concordia Journal*, St. Louis, outono 2025. Disponível em: https://issuu.com/concordiasem/docs/concordia_journal_fall_2025. Acesso em: 4 mar. 2026.

SMITH, Christian; ADAMCZYK, Amy. *Handing Down the Faith: How Parents Pass Their Religion on to the Next Generation*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

TAYLOR, Charles. *A secular age*. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 2007.

TURNER, James. *Without God, Without Creed: The Origins of Unbelief in America*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985.